



# De Ulisses a Viriato

*O primeiro milénio a.C.*



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

# Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português.

## O testemunho dos mamíferos.

*João Luís Cardoso*

### *Introdução*

O conhecimento das bases de subsistência dos habitantes do território português no decurso do Bronze Final e da Idade do Ferro, em particular no respeitante à componente provavelmente mais importante da sua alimentação - a carne, obtida de mamíferos, domésticos ou selvagens - é ainda muito deficiente. Para tal concorrem, entre outras causas, o pouco interesse que os arqueólogos têm atribuído aos restos osteológicos, quando exumados, no decurso de escavações, situação que persistiu até época muito recente; a falta de interlocutores disponíveis ou com formação adequada para efectuarem tais estudos; e, enfim, as pouco propícias condições de conservação de tais restos, em consequência de solos agressivos, prevalentes na larga maioria do nosso território. A década de 1980 corresponde ao surgimento de tais estudos entre nós, assistindo-se na actualidade à sua plena afirmação; não obstante, a informação disponível ser ainda demasiado fragmentária, é desde já possível fornecer uma primeira aproximação sobre as principais características da componente proteica da alimentação de alguns povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro, tanto do Norte como do Sul do País; é esse o objectivo de este primeiro contributo, forçosamente provisório; espera-se que o prosseguimento deste tipo de estudos contribua para colmatar esta lacuna de conhecimentos, de

evidente interesse para o conhecimento global da economia das sociedades que, no decurso do final do 2º e em todo o 1º milénio a. C. habitaram o nosso território.

## Bronze Final

O povoado da Tapada da Ajuda (Lisboa)

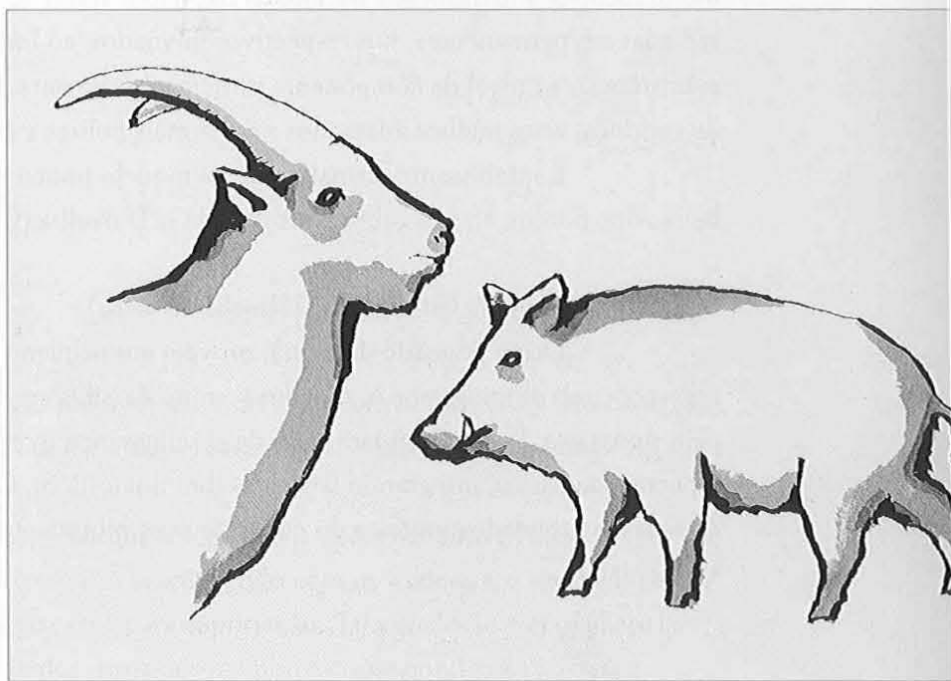
O primeiro estudo de índole arqueozoológica sobre um contexto habitacional do Bronze Final foi dedicado ao espólio ósseo exumado no povoado aberto da Tapada da Ajuda, Lisboa (Cardoso, 1986).

Apesar do número de restos ser reduzido, o espectro faunístico identificado era diversificado, estando representado pelo seguinte número mínimo de indivíduos:

<i>Ovis aries</i> (ovelha)	3 jovens e 1 adulto;
<i>Bos taurus</i> (boi)	3 adultos;
<i>Sus domesticus</i> (porco)	1 subadulto;
<i>Canis familiaris</i> (cão)	1 adulto;
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	1 adulto;
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	1 adulto

Considerando o peso médio de cada espécie *in vivo*, verifica-se que a larga maioria das proteínas consumidas eram obtidas da carne de grandes bovídeos, que encontrariam férteis pastagens existentes na envolvência do povoado, e portanto condições de criação adequadas. O mesmo se dirá dos rebanhos de ovinos que ocupam o segundo lugar em termos de carne consumida e nos quais predominam indivíduos juvenis, sugerindo uma criação destinada à produção de carne e certo desafogo económico. O cão, documentado por um indivíduo, explica-se como guardador de tais rebanhos. Os suídeos encontram-se fracamente representados: trata-se de um indivíduo doméstico, acentuando o carácter permanente e sedentário da comunidade que se fixou na suave encosta voltada para o estuário do Tejo, no decurso do século XIII a. C ou desde final do anterior (Cardoso, 1990, 1994, 1995a, b).

Neste contexto, predominantemente agro-pecuário e onde a produção intensiva de culturas



cerealíferas de sequeiro desempenhavam importante papel, que ultrapassaria largamente as necessidades de esta pequena comunidade, a caça manifesta-se apenas vestigialmente; encontra-se representada por restos atribuíveis a *Cervus elaphus*, cuja presença na região seria já escassa, e eventualmente pelo coelho, que julgamos ainda não domesticado.

*Três povoados do Bronze Final da Beira Baixa: Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade*

No decurso das escavações dirigidas por R. Vilaça nestes três povoados da Beira Baixa (os dois primeiros do concelho de Idanha-a-Nova, o último do concelho de Penamacor), obtiveram-se alguns, escassos, restos faunísticos cujo estudo e respectivas conclusões foram publicadas (Antunes, 1992; Vilaça, 1992). O espectro faunístico correspondente à globalidade dos três arqueossítios (tendo presentes, no entanto, a sobre-representação do *Bos taurus* em Monte do Frade devido à abundância de esquiúrolas ósseas que lhe foram atribuídas) é o seguinte:

- *Bos taurus* é predominante, em termos de carne consumida. Com efeito, em Alegrios e Moreirinha obtiveram-se as percentagens para a espécie de 30,2% e de 22,2%, respectivamente, sendo de 69,8% em Monte do Frade pelas razões expostas. Tal conclusão é justificada, admitindo que um boi de raça não melhorada, como a dos presentes exemplares, pudesse equivaler (Antunes, 1991) a sete cabeças de ovelha ou a nove de cabra;

- *Capra hircus* (não se documentou a ovelha) é o segundo táxone em termos de carne consumida, não obstante corresponder-lhe o maior número de restos em Alegrios (52,6%) e Moreirinha (66,7%).

- Enfim, o porco doméstico (*Sus domesticus*) pode considerar-se de importância secundária, face aos dois grupos referidos: corresponde-lhe, apenas, 17,2%, 7,4% e 2,3% dos restos em Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade, respectivamente.

O espectro faunístico descrito, dominado por animais domésticos, configura uma situação muito idêntica à identificada na Tapada da Ajuda. Tratar-se-ia, como ali, de pequenas comunidades sediadas em permanência, nos respectivos povoados, ao longo de todo o ano, assentando as bases de subsistência, ao nível da componente proteica da alimentação, no pastoreio de rebanhos de bovinos e de caprinos, estes melhor adaptados a solos mais pobres e pedregosos, existentes na região.

É interessante assinalar que tal modelo pouco difere do identificado no Bronze Pleno da Beira Alta; porém, aqui, a cabra é substituída pela ovelha (Cardoso *et al.*, 1995).

*Castro do Coto da Pena (Vilarinho, Caminha)*

Deste povoado de altura, provém um pequeno conjunto osteológico exumado nas escavações ali dirigidas por A. Coelho Ferreira da Silva em 1982. Encontra-se presentemente em estudo pelo signatário. Pode, no entanto, desde já salientar-se o carácter exclusivamente doméstico do espectro faunístico, integrando *Bos taurus* (boi doméstico), *Ovis aries* (ovelha) e *Sus domesticus* (porco). A representatividade numérica do conjunto possibilitará outras considerações que as de momento apresentadas.

## Idade do Ferro

### O Sul do País

Os conjuntos da Idade do Ferro até ao momento estudados provêm exclusivamente de povoados, com excepção do recolhido no santuário do Garvão, do século III a. C. Por esse motivo, poderá não reflectir o aprovisionamento de carne daquelas populações, não sendo, desta forma, considerado no presente estudo.

Para o Sul do País, e especialmente para a zona ribeirinha do Atlântico, perfilhamos, como outros (Silva *et al.*, 1980/81), um faseamento tripartido da Idade do Ferro, sempre fortemente influenciada por estímulos mediterrâneos, embora de diversa origem. Assim, a 1ª Idade do Ferro seria fortemente marcada por influências orientalizantes, correspondentes à presença e/ou actividade de comerciantes fenícios. Correspondem-lhe os séculos VIII - VI a. C. A 2ª Idade do Ferro, cronologicamente do século V ao III a. C., seria influenciada pelo comércio púnico, dando lugar à 3ª Idade do Ferro, coincidente com a emergência e afirmação dos produtos da península itálica concomitantes com o poderio de Roma na Península.

## Restos da 1ª Idade do Ferro

### Rocha Branca

A Rocha Branca é um pequeno morro dominando da margem direita o curso inferior do rio Arade. Corresponderá a um estabelecimento fenício (Gomes, 1993). Os restos osteológicos estudados provêm dos níveis inferiores do sítio, datados pelo 14C entre o século VIII e o século VI a. C.

Os 199 restos de grandes mamíferos (incluindo *Lagomorpha*) identificados distribuem-se pelos seguintes táxones (Cardoso, 1993):

<i>Bos taurus</i>	66
<i>Capra/Ovis</i>	35
<i>Sus sp.</i>	20
<i>Cervus elaphus</i>	15
<i>Equus asinus</i>	40
<i>Canis familiaris</i>	13
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	10

O conjunto representa um número reduzido de indivíduos, prova disso é o facto de os 40 restos de *E. asinus* corresponderem, apenas, a um indivíduo, representado sobretudo pelos ossos do crânio e respectivos dentes.

A distribuição anatómica das peças ósseas parece sugerir que, enquanto ovinos e caprinos se destinavam, sobretudo, a consumo local - o mesmo acontecendo com os suídeos e o veado, o boi doméstico seria, sobretudo, para a produção de carne para exportação. Tal conclusão é apoiada pela nítida escassez de peças do esqueleto axial, ou dos ossos dos membros correspondentes ao maior

volume de carne, em contraste com os ossos da cabeça (incluindo dentes) e das extremidades dos membros. Com efeito, os terrenos adjacentes da Rocha Branca reuniam condições propícias à existência de pastagens, adequadas à bovinicultura.

Neste contexto, a caça assumiria um papel secundário: praticar-se-ia a do veado e do javali. Com efeito, a maioria dos restos de suídeo são reportáveis a javali, sem no entanto, outros, pelas dimensões, poderem deixar de pertencer a animais domésticos ou estabulados. O cão merece referência especial. Os 13 restos identificados pertencem a um único indivíduo (13 vértebras). Uma delas ostenta uma marca de corte (*cut mark*) indício de que o exemplar teria sido consumido (Cardoso, 1993, Est. I, nº 8). Tal prática, era, de facto, bem conhecida dos Fenícios.

O burro doméstico é outro táxone cuja presença deve ser relevada. Os 40 restos ósseos pertencem, quase todos, à cabeça de um indivíduo masculino e adulto. O contexto respectivo (uma lixeira) sugere, também, animal consumido.

#### *Abul (Alcácer do Sal)*

Trata-se de um estabelecimento fenício, situado em uma pequena península da margem direita do estuário do Sado. A tipologia dos materiais exumados indica toda a segunda metade do século VII a. C (Mayet & Silva, 1994)

Os 202 restos de mamíferos identificados, recolhidos nas campanhas de 1993 e 1995, repartem-se pelos seguintes táxones:

<i>Bos taurus</i>	40
<i>Capra/Ovis</i>	48
<i>Capra hircus</i>	5
<i>Ovis aries</i>	8
<i>Sus sp.</i>	26
<i>Cervus elaphus</i>	6
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	69

Uma primeira evidência é a da presença de numerosos restos de indivíduos juvenis ou subadultos, em todas as espécies (identificadas exceptuando-se o veado). Nestas, predomina largamente o boi, estando presentes segmentos de todas as partes do esqueleto, ao contrário do verificado na Rocha Branca. A abundância desta espécie explica-se, tal como ali, pelas características adequadas da região à bovinicultura; os ovinos e caprinos (cujos restos, nalguns casos, permitiram destriça, com ligeira predominância da ovelha) seguem-se em termos de carne consumida, sucedidos pelos suídeos. Nesta Família, reconheceu-se seguramente o javali, pela existência de indivíduos de tamanho compatível com a espécie; outros, de menores dimensões, poderão pertencer a porco doméstico. As espécies caçadas estão, ainda, representadas pelo veado; os escassos restos identificados mostram a pouca importância das actividades cinegéticas na dieta alimentar destas populações (tal como na Rocha Branca), não obstante o veado ser certamente abundante, nos bosques de caducifólias.

Em qualquer das espécies identificadas, todos os segmentos anatómicos se encontram

representados em proporções harmónicas, sugerindo abate e consumo no local.

#### *Almaraz (Almada)*

O estabelecimento fenício do Almaraz, Almada (Cardoso, 1995 b) situa-se em uma pequena plataforma, na extremidade de um esporão rochoso, dominando o estuário do Tejo e uma pequena enseada, situada na sua base, propícia a ancoradouro ou mesmo à acostagem de embarcações, como hoje sucede. O espólio exumado em uma fossa de acumulação de detritos situada na referida plataforma - de onde se destacam os quase 2000 fragmentos de cerâmicas de verniz vermelho, o mais importante conjunto até ao presente estudado em Portugal - fazem atribuir aquela ocupação ao final do século VII e a todo o século seguinte (Cardoso, 1990; Barros *et al.*, 1993)

Na escavação dirigida por L. de Barros, A. Sabrosa e Vítor Santos, em 1988, os 339 restos de mamíferos identificados repartem-se pelas seguintes espécies:

<i>Bos taurus</i>	125
<i>Capra/Ovis</i>	275
<i>Sus scrofa</i>	2 (24)
<i>Equus caballus</i> ou <i>E. asinus</i>	1
<i>Cervus elaphus</i>	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	13

A distribuição apresentada merece alguns comentários. Em primeiro lugar, a dominância da fauna doméstica, dentro desta, o boi doméstico. Depois, a extrema raridade de suídeos, contrastando com o verificado nos casos anteriores, aqui apenas representados por dois restos de javali (embora um deles corresponda a mandíbula completa). Enfim, o resto de equídeo identificado corresponde a uma mandíbula, sempre que se possa discriminar ao nível específico, pois foi mantida no corte tendo, entretanto, desaparecido. Não se observaram discrepâncias quanto à distribuição dos ossos por segmentos anatómicos o que indicia, como em outros casos, o abate e aproveitamento integral dos animais no local.

#### *Castelo de Alcácer do Sal*

O morro onde se ergue o Castelo de Alcácer do Sal foi ocupado desde a Pré-história recente. No início da Idade do Ferro (2ª metade do século VII a. C), o povoado indígena ali instalado mantinha importantes relações comerciais com os Fenícios, como se comprova dos materiais importados exumados nas camadas 9 e 10 (Silva *et al.*, 1980/81)

O escasso conjunto faunístico recolhido nas camadas 9 e 10, coevas da época fenícia de ocupação do local, apresenta a seguinte distribuição (escavações dirigidas por C. Tavares da Silva em 1979 e 1980):

<i>Bos taurus</i>	2
<i>Sus sp.</i>	3

<i>Capra/Ovis</i>	1
<i>Ovis aries</i>	1
<i>Cervus elaphus</i>	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	6

A distribuição dos restos estudados por espécies aponta para uma diversidade da dieta alimentar das respectivas populações. Estão presentes as principais espécies que integram os conjuntos, mais numerosos, de outras estações. Como restos, evidencia-se a dominância do boi doméstico, ao nível do consumo proteico, especialmente se for considerado o peso do animal vivo. A caça está documentada pelo veado (metatársico direito), pelo coelho, a aceitarmos que se trata de animais selvagens, e talvez pelo javali.

Foi possível fazer atribuir a ovelha uma extremidade articular distal de fémur esquerdo, de indivíduo juvenil, não soldada à diáfise. A ovi-caprino indeterminado pertence um pequeno astrágalo, fortemente afeiçãoado por polimento, transformando-o em dado de jogo ("ossinho"). Enfim, os suídeos encontram-se representados por uma terceira falange de pequeno tamanho (animal doméstico) e por um fragmento de maxilar esquerdo de juvenil, com porções do D\3 e do D\4 estaladas pelo fogo, de tamanho compatível com javali (exemplares de comparação do concheiro mesolítico do Cabeço da Arruda, Muge, Coleções do Instituto Geológico e Mineiro).

#### *Alcáçova de Santarém*

O morro onde se implanta o castelo de Santarém domina todo o curso inferior do Tejo, do alto da sua encosta direita. As escavações conduzidas na década de 1980 possibilitaram a recolha de espólio de importação oriental, dos séculos viii a vi a. C (Arruda, 1993 e informação pessoal), fazendo corresponder ao local um aglomerado indígena (lugar central), propício à articulação do comércio trans-regional e à troca de produtos de origem local ou regional por outros, oriundos do comércio fenício. Os materiais osteológicos estudados situam-se entre aqueles dois limites cronológicos.

As 106 peças ósseas recuperadas e identificadas provenientes das escavações dirigidas por A. M. Arruda em 1989 na estação em epígrafe distribuem-se do seguinte modo:

<i>Bos taurus</i>	25
<i>Capra/Ovis</i>	40
<i>Capra hircus</i>	6
<i>Ovis aries</i>	3
<i>Sus sp.</i>	21
<i>Cervus elaphus</i>	10
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	1

O conjunto evidencia a predominância, tal como todos os anteriormente estudados, do boi doméstico, em termos de carne consumida. Seguem-se, quase em igualdade de importância, os ovi-caprinos e os suídeos, estes representados apenas seguramente pelo javali (de dimensões idênticas a

exemplares mesolíticos da mesma região, do Cabeço da Arruda, incluindo alguns fragmentos de caninos superiores e inferiores). A fauna caçada encontra-se ainda representada pelo veado, por número de restos que colocam a espécie logo atrás dos dois grupos anteriores. Enfim, o único resto de coelho, talvez igualmente caçado, denotará não tanto a sua raridade na região mas sobretudo a técnica de recolha utilizada.

Uma apreciação de distribuição das peças identificáveis conduz à conclusão de que todos animais, domésticos ou selvagens, teriam sido consumidos integralmente no local.

No Quadro 1 apresenta-se a distribuição dos restos identificados de grandes mamíferos por espécie e por estações. Neste estudo, por limitação do espaço, não se procederá a outras considerações de índole arqueozoológica, como a idade de abate ou captura dos animais, as marcas de desmanche que alguns dos ossos ostentam, incluindo padrões de partição dos ossos longos, ou vestígios de práticas culinárias conservadas na sua superfície. Por tal motivo não se estabelecerão também comparações com conjuntos homólogos já objecto de publicação de estações coevas do litoral meridional da Península Ibérica.

Quadro 1 - Distribuição dos restos de grandes mamíferos

	Rocha Branca	Abul	Alcácer do Sal	Almaraz	Alcáçova de Santarém
<i>Bos taurus</i>	66 (33,2%)	40 (19,8%)	2 (14,3%)	125 (36,9%)	25 (23,6%)
<i>Capra/Ovis</i>	35 (17,6%)	48 (23,8%)	1 (7,1%)	275 (81,1%)	40 (37,7%)
<i>Capra hirus</i>		5 (2,5%)			6 (5,7%)
<i>Ovis aries</i>		8 (4,0%)	1 (7,1%)		3 (2,8%)
<i>Sus scrofa/domesticus</i>	20 (10,1%)	26 (12,9%)	3 (21,4%)	24 (7,1%)	21 (19,8%)
<i>Cervus elaphus</i>	15 (7,5%)	6 (3,0%)	1 (7,1%)	1 (0,3%)	10 (9,4%)
<i>Equus caballus/asinus</i>	*40* (20,1%)		1 (0,3%)		
<i>Canis familiaris</i>	13 (6,5%)				
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	10 (5,0%)	69 (34,2%)	6 (42,9%)	13 (3,8%)	1 (0,9%)
<b>Total</b>	<b>199</b>	<b>202</b>	<b>14</b>	<b>339</b>	<b>106</b>

Os resultados permitem evidenciar as seguintes conclusões gerais:

1 - Nítida predominância, em termos de carne consumida, dos grandes bovídeos domésticos, em todas as estações estudadas, sem que se vislumbrem diferenças significativas entre os povoados indígenas (14,3% e 23,6%) e os estabelecimentos considerados fenícios (33,2%, 19,8% e 36,9%).

A predominância de grandes bovídeos na componente proteica da dieta alimentar salienta o carácter estável e sedentário das respectivas populações;

2 - Ovelhas e cabras estão sempre presentes, mesmo quando não foram discriminadas com base na respectiva morfologia óssea: nos casos em que se procedeu à referida separação, os resultados

não sugerem estratégia dirigida para a criação de qualquer das espécies em particular;

3 - Os ovi-caprinos partilham, em termos de carne consumida, o segundo lugar, no conjunto dos grandes mamíferos, a par dos suídeos. Porém, a importância relativa dos dois grupos varia: é interessante salientar que é nos povoados indígenas onde se verificam as maiores percentagens destes últimos, embora nos estabelecimentos fenícios estejam sempre presentes. A dificuldade de separar o javali do porco doméstico, cuja biometria se sobrepõe, foi nalguns casos ultrapassada, comprovando-se a coexistência de ambos os táxones;

4 - Outra espécie sempre presente é o veado, embora invariavelmente em importância inferior aos grupos anteriormente mencionados. Nalguns casos (Almaraz), os escassos restos identificados podem explicar-se mais por raridade da espécie nos biótopos adjacentes do que por deliberada ausência de actividade cinegética. Sem ter em consideração este caso, parece não existirem diferenças significativas na intensidade da prática cinegética entre povoados indígenas e estabelecimentos fenícios, tendo, no entanto, presentes, a pouca importância numérica dos restos, nalguns casos, que limitam a representatividade das conclusões;

5 - O coelho é outra das espécies sempre presentes, embora em quantidades muito variáveis. Nuns casos, admitimos que a técnica de colheita possa ter justificado a sua baixa presença; porém, mesmo nos casos em que a espécie ocorre em quantidade apreciável (Abul e Alcácer do Sal), o pequeno peso do animal jamais lhe confere papel de relevo em termos da carne consumida. Não dispomos, por outro lado, de elementos decisivos quanto ao carácter doméstico ou selvagem da espécie.

6 - Outras duas espécies, embora vestigiais, revestem-se de grande interesse. Trata-se do burro, cuja presença foi anteriormente demonstrada na Rocha Branca (Cardoso, 1993) encontrando-se, talvez, também presente no Almaraz e do cão doméstico, identificado apenas na primeira das referidas estações, onde teria sido consumido, como sugere uma marca do corte conservada em corpo vertebral. O burro é considerado de introdução fenícia na Península Ibérica; neste contexto, a sua ocorrência na Rocha Branca vem estender ao território português a sua distribuição, em época centrada no século VII a. C.

## Restos da 2ª Idade do Ferro

### Castelo de Alcácer do Sal

Apenas um arqueossítio foi até ao presente estudado em pormenor no que concerne à presença de restos de grandes mamíferos: trata-se do Castelo de Alcácer do Sal (Silva *et al.*, 1980/81)

Os 51 restos exumados nas camadas 8 e 7, correspondentes à Fase IV da ocupação do local, distribuem-se pelos seguintes táxones:

<i>Bos taurus</i>	16
<i>Sus sp.</i>	4
<i>Capra/Ovis</i>	24
<i>Ovis aries</i>	1
<i>Cervus elaphus</i>	3
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	3

Trata-se de associação nitidamente dominada pelo boi, correspondendo-lhe a larga maioria do peso da carne consumida (relembramos a já referida proporção de 7 cabeças de ovelha ou de 9 de cabra para uma de boi doméstico).

Os ovi-caprinos ocupam o segundo lugar. É de salientar que os suídeos (pertencentes indiferenciadamente a porco e a javali: a separação é difícil atendendo à falta de peças características e à sobreposição dimensional dos dois táxones) têm uma importância na alimentação idêntica ou, mesmo, inferior à do veado, denotando actividade cinegética importante, por certo favorecida por biótopo propício à existência da espécie, nas vizinhanças do povoado.

#### *Outros arqueossítios*

Mesas do Castelinho (Almodôvar) forneceu aos recentes investigadores deste povoado de altura fortificado do Baixo Alentejo (Carlos Fabião e Amílcar Guerra), importante conjunto faunístico, situável entre os séculos V e III a. C (informação pessoal de C. Fabião, que agradecemos), actualmente em estudo. Como resultados preliminares, salienta-se como seria de esperar atendendo aos resultados já apresentados, a predominância do contributo de *Bos taurus* na dieta alimentar ocorrendo, subordinadamente, ovi-caprinos (cabra seguramente identificada) e suídeos. O veado está também presente, tal como em outros conjuntos faunísticos da Idade do Ferro do Sul do País.

A baixa lisboeta proporcionou recentes e importantes descobertas no subsolo do edifício do Banco Comercial Português, na Rua Augusta (escavações dirigidas por Clementino Amaro). O espólio faunístico exumado encontra-se em estudo e pode ser reportado, globalmente aos séculos V - III a. C (C. Amaro, informação pessoal). De forma preliminar, pode registar-se a predominância, de forma ainda mais acentuada que nos casos anteriores, dos grandes bóvidos na dieta alimentar destas populações citadinas.

Ainda inscrito na área cultural meridional do País, encontra-se o povoado de Santa Olaia (Figueira da Foz), cujas escavações foram retomadas por Pereira (1993). A ocupação deste importante arqueossítio ter-se-ia iniciado na 1ª Idade do Ferro, tendo-se porém prolongado pela 2ª Idade do Ferro. Os materiais exumados, tanto nas escavações antigas, como nas modernas, encontra-se em estudo. Identificaram-se os quatro grupos taxonómicos usuais: bóvidos, ovi-caprinos, suídeos e cervídeos.

#### *O Norte do País*

O Norte do País, ocupado em boa parte por rochas e solos ácidos delas derivados, não oferece condições propícias à conservação de restos ósseos. O seu registo é, por isso, excepcional, apesar dos numerosos povoados investigados nesta região.

#### *Cidade de Terroso (Póvoa de Varzim)*

Trata-se, até ao presente da única associação faunística recuperada em contexto habitacional (um çoncheiro doméstico), de cronologia ulterior ao século III a. C (Silva, 1986).

O conjunto, muito escasso, não permite considerações de carácter estatístico, baseadas na distribuição percentual das espécies presentes. A tendência observada, tendo presentes tais limitações, é a de considerar predominantemente o contributo dos grandes bóvinos na alimentação estando, ainda, presentes os ovi-caprinos.

## Bibliografia

- ARRUIDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais*. Os fenícios no território português. Lisboa. 4. 193 - 214.
- ANTUNES, M. T. (1991) - Restos de animais no Castelo de Silves (séculos VIII - X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico. *Estudos Orientais*. Lisboa. 2. 41 - 74.
- ANTUNES, M. T. (1992) - Povoados do Bronze Final da Beira Baixa - Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade: elementos arqueozoológicos. *Conimbriga*. Coimbra. 31. 31 - 38.
- BARROS, L. de; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. *Estudos Orientais*. Os fenícios no território português. Lisboa. 4. 143-181.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1. 119 - 134.
- CARDOSO, J. L. (1993) - Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*. Os fenícios no território português. Lisboa. 4. 109 - 126.
- CARDOSO, J. L. (1994) - Comentário ao sítio arqueológico da Tapada da Ajuda. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia. Milão: Electa. p. 106. Catálogo.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa: IPM, p. 48.
- CARDOSO, J. L. (no prelo) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34 .
- CARDOSO, J. L. [et al.] (1986) - A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Revista Municipal*. Lisboa. S.2, 15. 13 - 18.
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C. de; VALERA, A. C. (1995) - Um indicador económico para o Bronze Pleno da Beira Alta: a fauna de grandes mamíferos da Unidade Estratigráfica da "Sala 20" do Buraco da Moura de S. Romão (Concelho de Seia). In *Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico*, Coimbra, 1993. p. 457- 460.
- GOMES, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*. Os fenícios no território português. Lisboa. 4. 73 - 107.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (1994) - L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Comptes-Rendus*. Paris. 171 - 188.
- PEREIRA, I. (1993) - Figueira da Foz. Santa Olaia. *Estudos Orientais*. Os fenícios no território português. Lisboa. 4. 285 - 304.
- SILVA, A. C. F. (1986) - *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, C. T. da [et al.] (1980/81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7. 141 - 218.
- VILAÇA, R. (1992) - Integração cultural dos restos faunísticos de três povoados do Bronze Final da Beira Baixa. *Conimbriga*. Coimbra. 31. 5 - 29